

Programação Neurolinguística (PNL) na Educação

Maria Luiza Ramos

O ano de 2020 começou com um acontecimento marcante que, em poucos dias, revolucionou as sociedades de maneira decisiva - a pandemia COVID-19 - trazendo a necessidade repentina de se estabelecer novas formas de interagir, novos hábitos e novos formatos de ensinar.

O ensino a distância ganhou lugar de destaque para garantir que os estudantes de todos os níveis continuassem a ter acesso aos estudos, isso em escala mundial.

Vale lembrar que o ensino a distância exige que o aluno use de recursos internos como disciplina, organização, força de vontade, curiosidade. Se no ensino presencial a Programação Neurolinguística (PNL) tinha muito a contribuir com a Educação, no ensino a distância sua contribuição pode ser maior, pois as experiências subjetivas dos seres humanos influenciam sobremaneira o acesso a esses recursos internos e seu modo de aprender. Passos (2016, pp. 88) cita Bandler (1987, p. 19), um dos criadores da PNL, que já afirmava que “a PNL simboliza, entre outras coisas, uma maneira de se examinar o aprendizado humano.”

No mundo atual, mudanças urgentes como essas que estamos vivendo podem ocorrer novamente com muita rapidez, exigindo que o professor mantenha a mente aberta para o novo, para novas formas de comunicação, novas formas de aprender para promover o aprendizado de maneira inovadora. Hoje, ele não vê mais os rostos de seus alunos. Principalmente no ensino superior, ele lida com rostos anônimos e, nesse contexto, o professor precisa se atualizar e aprender modelos de comunicação até agora em mãos de algumas poucas categorias profissionais.

A origem do nome Programação Neurolinguística é explicada por O'Connor (2003, p. 2) como:

Programação - como sequenciamos nossas ações para alcançar metas.
Neuro e Neurologia - a mente como pensamos.
Linguística - como usamos a linguagem e como ela nos afeta.

Passos (2016, p. 92) afirma de maneira enfática que [...] “a Programação Neurolinguística vem sendo aplicada com sucesso no campo educacional, pois simboliza, entre outras coisas, uma maneira de se aprofundar no aprendizado humano.”

Nessa perspectiva, há que se perguntar como começar a aplicar a PNL nas aulas? Encontramos resposta a esta pergunta no texto de Blackerby (2000), que oferece diversas sugestões que adaptamos aqui para nosso contexto.

Esse autor recomenda ao professor que:

A) Pratique em suas aulas algumas das pressuposições da PNL:

- 1- *Todo comportamento tem uma intenção positiva* - significa que, por mais bizarro que possa ser o comportamento de alguém, ele expressa uma intenção positiva para a pessoa que o pratica. Por exemplo, quando uma pessoa agride alguém, ela pode estar querendo se defender ou chamar a atenção para si.
- 2- *Se algo é possível para alguém no mundo, também é possível de ser aprendido* - esse pressuposto implica em que o professor deve acreditar na capacidade de aprender de seu aluno.
- 3- *Qualquer coisa pode ser aprendida se for abordada de maneira adequada* - aplicar esse pressuposto exige que o professor use estratégias comunicativas adequadas para ensinar o que pretende que seus alunos aprendam.
- 4- *Não existe fracasso, existem resultados* - o professor não pode ver um mau resultado de uma avaliação como um fracasso do aluno e sim como fonte de dados para encaminhamentos de ensino.
- 5- *Escolhemos o melhor comportamento que conhecemos, com base nas escolhas que temos em nosso modelo de mundo* - esse pressuposto complementa o primeiro, pois liga-se com a intenção positiva por trás de qualquer comportamento que adotamos em dada circunstância.
- 6- *Mais escolhas é melhor do que escolhas limitadas* - cabe ao professor oferecer diferentes caminhos para solução dos problemas trabalhados em aula.
- 7- *A maneira como experimentamos o mundo é apenas um modelo de percepção* - esse pressuposto diz ao professor que nada é absoluto na vida, é preciso relativizar os acontecimentos bem como os comportamentos dos alunos em função dos seus contextos de vida, das influências socioeconômicas e culturais.

B) Certifique-se de que os alunos sabem como aprender

O professor deve se conscientizar de que todos os alunos têm capacidade de aprender, mas há aqueles que não sabem como. Aliado ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, o ensino de técnicas de estudo podem tornar o aprendizado um processo interessante e prazeroso.

C) Ensine seus alunos a usarem âncoras de recursos de aprendizagem

Uma âncora é um estímulo que leva um indivíduo a entrar em um estado emocional apropriado para obter sucesso no que deseja em determinado momento. Uma âncora para aprendizagem pode ser um lugar destinado aos estudos, uma postura, um fundo musical e até mesmo um gesto que faça a pessoa entrar em um estado de recursos para aprender. Um estado de recursos para aprender pode ser, por exemplo: manter-se focado, interessado, motivado, curioso, confiante em sua própria capacidade de aprender e calmo.

D) Dê feedbacks capazes de transmitir poder

Ao dar feedback aos alunos, seja oral ou escrito, fale com eles sobre seu desempenho comportamental e circunstancial e não sobre sua identidade. Quando um professor dá nota baixa para o aluno, sem um comentário adequado, este tende a considerar como algo pessoal e passa a desacreditar de si mesmo e se achar

incapaz. Quando um professor rotula um aluno como “incapaz de aprender”, “preguiçoso”, “problemático”, esse rótulo afetará sua autoestima e lhe causará prejuízos ao longo da vida.

E) Especifique bem a mensagem que você quer transmitir para seus alunos

Para que uma comunicação seja clara e que favoreça o entendimento do interlocutor, a PNL propõe que o emissor da mensagem especifique muito bem o que deseja que seu interlocutor apreenda. Quando o professor se comunica de maneira genérica e sem especificação, pode provocar nos alunos compreensões diferentes daquilo que ele pretende, pois, diante de lacunas de entendimento, nosso cérebro tende a preencher a lacuna com base em experiências passadas, que nem sempre condizem com o aprendizado desejado naquele momento.

REFERÊNCIAS:

BLACKERBY, Don A. Usando a Programação Neurolinguística (PNL) na Sala de Aula. In Informativo de PNL “**O golfinho**”. Porto Alegre, n. 64, p. 4 – 9, maio / 2000. Disponível em http://download.golfinho.com.br/downloads/Vol6_Edicao1_N64_Mai2000.pdf - Acesso em 12/04/2020.

O’CONNOR, Joseph. **Manual de Programação Neurolinguística – PNL: um guia prático para alcançar resultados que você quer**. Trad. Carlos Henrique Trieschmann. Rev. Técnica Jair Mancilha. Rio de Janeiro : Qualitymark, 2003.

PASSOS, Jair. **Professor mediador e a neurolinguística na sala de aula**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2016.